



TRINITY A Livre

À Biblioteca Pública de Braga

11
NOVEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Dia de eleições

Amanhã os portugueses são chamados às urnas. Vão escolher entre aqueles que deram um triste exemplo de 1910 a 1926 e que se prontificam a insistir nele e aqueles que deram à Nação autoridade no País e prestígio no estrangeiro, economia sã, realizações constantes, seriedade de processos. Dizemos escolher porque embora desistindo a oposição contará as absenções como votos seus e disso se gabará.

A campanha eleitoral não trouxe motivos novos. Do lado da situação não pode anunciar novidades quem está todos os dias a inaugurar obras, não deixa perturbar a paz, garante a integridade da Pátria, dá lições de decisão e valor ao mundo.

A oposição quis manter intacta a sua ligação ao passado e na impossibilidade de fazer melhor perdeu boa parte do tempo a elogiar a época do Decreto das 10.000 colocações, da balburdia, da desordem, da prepotência e do arbítrio. Além disto aquelas frases lindas de prosa e gramaticalmente certas, mas que no fim não passam disso, que gene-

ricamente dão solução para tudo mas que na prática nada significam ou abonam.

Querem a unidade, não em volta dos homens com provas dadas, mas em volta daque-

Continua na 4.ª página

AOS ELEITORES

Votai pela integridade da Pátria

VOTAI NA U.N.

O PÉ DESCALÇO

Diagnosticando o mal, conhecidas as suas causas, evidenciados os malefícios dos seus efeitos, parece que não deveriam subsistir quaisquer óbices a uma completa extinção do «pé descalço». A verdade, porém, e mau grado todas as regulamentações produ-

Câmara Municipal

Dentro de breves dias deslocam-se a Lisboa alguns elementos da nossa Câmara que ali vão tratar da solução de problemas do maior interesse para o concelho.

*

Encontra-se concluído o projecto da nova rua que sai do Largo Dr. Oliveira Salazar e passa em frente da Misericórdia, com ligação à futura rodovia.

Obra grandiosa admite duas soluções no seu rompimento inicial, qualquer delas do melhor efeito.

*

Encontram-se abertos concursos para 2.ª praça da estrada de Caires e 1.ª da estrada Caldelas — Paranhos.

O ultramar e as razões

por que interessa aos comunistas

a mudança do Governo Português

Os comunistas que sabem ser indiscretos, quando isso por qualquer motivo lhes convém, anunciam em segredo que os Estados africanos tencionam pedir à Quarta Comissão que sejam ali ouvidos petiçãoários de Angola. Não tem, por sinal, a Quarta Comissão o direito de o fazer. Agora, porém, é a maioria, e não a Carta, quem, nas Nações Unidas, dita a lei — e a lei que a maioria dita é a da selva. Se houver petiçãoários de Angola em Nova York, esses petiçãoários serão ouvidos, pois, na Quarta Comissão, a qualquer pretexto, se tal for a vontade — que ninguém por aqui se atreve a contrariar — da Guiné e do Mali, ou do Ghana e da Libéria.

Mas que petiçãoários serão esses? A gente na UPA goza do patrocínio do Governo de Leopoldville, da simpatia dos Governos de Accra e de Monróvia — e do franco apoio das sociedades missionárias protestantes. Os favores da Guiné e do Mali, entretanto, inclinam-se de preferência para os homens do MPLA. Ora entre estes e os da UPA está declarada, praticamente, a guerra. Por seu lado, o Governo

de Brazzaville protege os chefes de dois «movimentos de libertação» de Cabinda. E nada seria mais errado, da nossa parte, do que supor que é

(Continua na 5.ª página)

A Oposição não vai às urnas

Como já vai sendo costume a oposição desistiu de ir às urnas, publicando mais um manifesto, a dizer das suas razões.

Nem chegou sequer a ser surpresa porquanto se aguardava este fim inglório não obstante terem-lhe permitido a publicação de todos os disparates.

Criado o ambiente de excitação que lhe interessava, semeada a confusão, chegou a desistência.

Aos ileitores cumpre exercer igualmente o seu direito de voto para que se não atribua à sua ausência um sentido que eles não querem.

O dever, pois, é votar.

PROCLAMAÇÃO

às Mães Brasileiras

N. R. — Transcrevemos com a devida vénia do *Jornal Brasileiro «A Voz de Portugal»* o seguinte:

Do Movimento Feminino Brasileiro recebemos a seguinte proclamação:

COMANDANTE DA G. N. R., EM BRAGA

Foi nomeado e já tomou posse do cargo de comandante do Batalhão n.º 4 da G.N.R., aquartelado em Braga, o sr. Capitão Alberto Afonso Leite. Oficial prestigioso já comandou a secção da G.N.R., em Braga, no que se houve com o maior apuro e evidenciou muita competência.

Bem conhecido na cidade, onde conta muitos amigos, a sua nomeação causou geral satisfação, o que nos aprás registar com agrado, pelo distinto oficial ser merecedor de todas as referências.

O Movimento Feminino, recentemente organizado, destina-se a levar à mulher portuguesa — mães, esposas, filhas, irmãs ou noivas — uma mensagem de amor e solidariedade, nesta hora grave por que passa Portugal, envolvido em heróica luta pela intangibilidade das suas fronteiras seculares e pela sua própria sobrevivência.

Nós, as Mulheres Brasileiras, não podemos ficar indiferentes aos sofrimentos das nossas Irmãs Portuguesas e por isso consideramos nosso indeclinável dever, ajudá-las por todos os meios ao nosso alcance para lhes demonstrar a nossa compreensão e carinho em momentos tão cruciais em que, cheias de preocupações e ansiedade, velam pela sorte dos seus entes queridos que defendem de armas na mão, a honra e a integridade de Portugal.

Como Brasileiras e como Mães, sabemos compreender e

(Continua na 4.ª página)

zidas com o objectivo de obstar à sua prática vergonhosa e anti-sanitária, é que o «pé descalço» é ainda um «caso triste» da ambiência portuguesa, mormente nos meios rurais, pelo qual devem responsabilizar-se todos aqueles que, devendo exercer uma missão saneadora e repressiva, não o fazem, por desinteresse, apatia, sentimentalismo piegas ou cómodo conformismo com o «statu que».

Muitas das boas vontades que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social tem despertado, no decorrer dos anos, no seio de dirigentes que à campanha contra o «pé descalço» votaram uma atenção e um interesse dignos de todo o louvor, frequentemente vêm o seu trabalho paralisado ou em franco

Continua na 4.ª página

A GUINÉ PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

A Guiné Portuguesa, propriamente dita, foi descoberta, na melhor das hipóteses, por Nuno Tristão, na sua quarta expedição em 1446.

O corajoso e destemido navegador, com o firme propósito de entrar em contacto com os naturais, se os houvesse, como de facto havia, mandou arrear dois batéis e, com vinte e um dos seus homens, agarrou a uma das margens, que dizem ser a esquerda.

Quando as duas embarcações se dirigiam para terra foram acuitados por alguns indígenas que deram imediatamente o alarme de guerra e dentro de breve tempo reuniram-se setenta a oitenta nativos, devidamente armados de azagaias.

Em estridente alarido, que lhes é peculiar, saltaram para as canoas — armadas (embarcações feitas do tronco de de-

(Continua na 5.ª página)

A Casa do Povo da Feira Nova

Vai ser dotada com uma biblioteca de 250 volumes

Vão ser contempladas com bibliotecas as Casas do Povo da Feira Nova (Amares), Covas (Terras de Bouro),

Requião (V.ª N.ª de Famalição), Regadas (Fafe), Arco de Baulhe (Cabeceiras de Basto), e Póvoa de Lanhoso e o Centro de Recreio Popular n.º 2 do Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio.

Cada um destes Organismos receberá recheios bibliográficos, oferecidos pela Junta de Acção Social, constituídos por 250 volumes dis-

(Continua na 3.ª página)

AOS ELEITORES

Votai pela integridade da Pátria

VOTAI NA U.N.

TRIBUNA FEMININA

MAURICE ROGER

um novo da alta costura parisiense

Nos nossos já quase dez anos de vida parisiense e interesse pela costura e evolução da moda, assistimos ao nascimento de alguns novos nomes, hoje prestigiosos na costura parisiense e, também, assistimos ao fecho dos salões de alguns dos mais reputados costureiros franceses.

No artigo anterior pusemos as nossas leitoras em contacto com um grande industrial da costura, Albert Lempereur, que considera a moda como uma indústria cuja vitalidade é traduzida pelo número de séries, que joga com milhões de francos, que aborda o problema do Mercado Comum no sentido de «europizar» a moda e que não acredita na «ideia da alta costura».

Hoje apresentamos às nossas leitoras um grande costureiro parisiense que se chama Maurice Roger. Um jovem, de acordo, mas de enorme talento, um apóstolo do tradicional bom gosto e técnica parisiense, um defensor acérrimo das prerrogativas da alta costura tal como ela era concebida ainda não há muito tempo, antes que a falta de imaginação de certos costureiros degenerasse em exagero de «poder inventivo», antes que houvesse mulheres que se prestassem a ser mascaradas, interessando-lhes apenas no vestido (o ridículo não mata... diziam elas!!!) o nome prestigioso que assinava a etiqueta.

Maurice Roger, que tem 35 anos, sempre se apaixonou pela costura.

Na idade de começar a trabalhar entrou para a casa Lanvin-Castillo onde aprendeu o início da Arte e onde aperfeiçoou o seu instinto natural, aprendendo a dar realidade aos seus croquis e a saber modelar uma peça de tecido à volta do manequim dando vida a cada prega e nascimento ao vestido.

Maurice Roger quando pensou que tinha terminado o seu «curso», nos ateliers de Lanvin Castillo, cheio de coragem, decidiu estabelecer-se e abriu um pequeno salão numa das Avenidas da Etoile, nos Campos Elísios.

Uma camarada jornalista tinha-me gabado o movimento e boa execução das suas saias e casacos e decidimos ir assistir à colecção que ele apresentou à imprensa no Verão de 1956. Este foi o nosso primeiro contacto com Maurice Roger e ele foi tão agradável que a partir desse momento não perdemos uma única das suas colecções.

Muitas vezes depois de todos os jornalistas terem saído ficamos horas seguidas a conver-

sar com Maurice Roger e a batalhar com ele para que ele desfizesse a lenda que o indicava como um dos melhores costureiros parisienses de «saías e casacos».

As nossas palavras, apoiadas pelas de outros seus amigos, teve bons resultados e, hoje, Maurice Roger, que possui já um excelente salão vizinho do elegante Faubourg de St. Honoré, apresenta duas vezes por ano, nas épocas indicadas pelo Sindicato da Alta Costura Parisiense, lindíssimas colecções nas quais os «tailleurs» continuam a ter lugar de vedeta mas onde rivalizam em bom gosto e em imaginação, com os fatos de noite e o vestido de rua. A lenda desfez-se e hoje Maurice Roger deixou de ser indicado pela perfeição dos seus «tailleurs» mas pela execução de todos os seus modelos.

Uma outra vez que conversávamos com Maurice Roger ele confiou-nos não saber onde ir passar as férias. Indicámos-lhe Portugal. Meses depois recebíamos um bilhete postal que ele nos enviava das Berlengas e onde se confessava radiante com o nosso país. Nesse postal um misterioso P. S. dizia: «Venha à minha próxima colecção e terá uma surpresa». E que grande surpresa que tivemos: Nesse ano Maurice Roger lançou a moda do xaile, do chapéus género tricano de Ovar e inventou um novo tom de encarnado a que ele chamou «Rouge Porto», pela sua analogia com o tom da cor do vinho do Porto. O vestido vedeta desta colecção era um vestido «cocktail» que ele intitulou «Fado—Amália Rodrigues». Vestido preto que tinha uma jaqueta que se transformava em xaile, reprodução, quase exacta do vestido com que Amália Rodrigues se exhibia então no «Olympia» de Paris. Achamos a atenção do costureiro tão desvanecedora que nessa noite pedimos a Amália Rodrigues que nos acompanhasse a casa de Maurice Roger para ver o vestido. Amália Rodrigues, gentilmente—quando o quer ela é gentil como nenhuma outra—foi conosco e, ela que só disponha de cinco minutos, demorou-se uma hora e meia nos salões de Maurice Roger fazendo-lhe apresentar todos os seus vestidos e vestindo o célebre «Fado—Amália Rodrigues para se deixar fotografar ao lado do costureiro.

Foi, pois, pelo seu inegável valor e pela simpatia que nos merece a admiração que ele tem por Portugal que escolhemos Maurice Roger para a polémica estabelecida com a

confeção defender a alta costura» parisiense.

Maurice Roger é de poucas falas pois, diz ele, só sabe falar com a agulha na mão e tem medo de «picar» alguém, mas ao saber o que dele queríamos declarou-nos.

«A alta costura» é, julgo-a pelo menos assim, uma Arte. Ora, a ideia de Arte é contrária, em absoluta, à noção de «séries». Podemos gostar dum quadro figurativo ou não gostar. Podemos admirar Picasso ou não admirar. Mas, temos que concordar que, dou o exemplo da pintura como poderia dar outro qualquer, gostando ou não gostando, as duas tendências, são Arte. Podemos, portanto, gostar dum Dior ou dum Bobneicega ou podemos achar os vestidos assinados (digo assinados e a assinatura é diferente duma marca de fábrica) por estes costureiros horríveis, mas não podemos negar a sua criação artística (tal como nos quadros). Tanto um como outro, desde que a missão do costureiro e do pintor tenha sido honestamente cumprida, foram feitos num só exemplar e neles, em qualquer dos dois casos, os seus criadores quiseram transmitir uma ideia. Na «confeção», o problema é totalmente diferente: Foi criado um molde, tal como se tratasse de qualquer objecto plástico, e aos produtos saídos desse molde foi dada marca de fábrica.

Parece que a este segundo caso não se pode chamar uma criação artística.

Sei que a comparação que faço e as sondagens a que chego podem parecer quase sacrílegas par pessoas profanas mas V.—diz Maurice Roger voltando-se para nós—tenho a certeza que me compreende!

Abriu-se a porta do salão de provas, onde para não sermos interrompidas nos tínhamos instalado, e o fiel braço direito de Maurice Roger, o seu maior amigo nas horas de desmoralização e seu maior admirador, Henri Gasser, chamava-o para uma prova.

Ainda bem pois dispensou-nos de responder à afirmação de Maurice Roger.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Culinária

Quais os vinhos a servir num jantar de cerimónia

A questão dos vinhos como da ementa, depende sobretudo das possibilidades monetárias e só então dum sério conhecimento dos deveres de dona de casa. Seria desrazoável ir desfalcado um orçamento pelo prazer fugaz de apresentar um jantar regido sobre todas as regras. No caso das suas possibilidades serem restritas e se sentir obrigada, por dever de cortesia, a convidar uma pessoa de posição social superior, tendo a certeza de que não estará nada mal se servir com o peixe, vinho branco seco: e com o resto da refeição, um vinho tinto ou palhete de boa qualidade; e com os doces, champanhe.

Não esqueça, porém, o vermute é um bom licor para servir com os aperitivos antes do jantar.

Se querem a todo o custo dar um jantar de cerimónia, eis um guia dos vinhos a comprar e a ocasião em que devem

ser servidos:

Com os mariscos e o peixe—Apresente um vinho branco seco ou levemente gasoso.

Com o «hors-d'oeuvre», entradas, pastéis, salsicharias—um vinho tinto espesso.

Com o assado, se for de carne vermelha ou caça—vinho tinto ou palhete de «Borgonha».

Se o assado for de aves ou carne branca—Vinho espumoso, ou então do tipo «Bordeaux» ou «Château-Lafite».

Com o queijo—vinho tinto ou palhete do tipo «Borgonha».

Com os doces e pastelaria—Champanhe.

Quanto à temperatura em que os vinhos devem ser servidos, o vinho tinto à temperatura ambiente, e nos dias de muito calor, a 17 ou 18 graus: o palhete a 12 ou 13 graus: o champanhe e vinhos brancos, devem ser servidos frescos, mas não muito gelados. O champanhe deve estar, no Verão, duas ou três horas no gelo e no Inverno, uns 45 minutos

Para a hora do chá

Sabe fazer sanduiches?

1.º—É indispensável empregar uma faca irrepreensivelmente afiada.

2.º—É preferível comprar o pão na véspera e guardá-lo numa lata que feche herméticamente, para evitar que seque e endureça.

3.º—Cortam-se as códeas rentes ao miolo.

4.º—Unta-se o pão com a manteiga ou o recheio e cortam-se depois as fatias, à medida que se vão untando.

5.º—Unem-se as fatias, duas a duas, depois de cortadas.

6.º—Cortam-se os cantos e corta-se o quadrado do centro em três pedaços. Cada sanduiche dá quatro triângulos e três tiras.

7.º—Dispõe-se as sanduiches assim preparadas sobre uma tábua.

Cobrem-se com um guardanapo seco e cobre-se esse

guardanapo com outro mo-

lhado em água e espremido. Isso evita que o pão seque, devendo dispor-se as sanduiches nos pratos só a horas de se servirem.

Tosta de pão de forma

Corta-se o pão em fatias barram-se ligeiramente com manteiga sem sal e põe-se alinhadas dentro dum tabuleiro.

Metem-se em torno forte para tostarem rapidamente.

Vão quentes para a mesa e servem-se em vez do pão vulgar.

Nada há mais saboroso que um chá, acompanhado de deliciosas torradas, bolos, etc.—não é verdade?

Assim aqui tendes algumas receitas económicas e fáceis de realizar, que certamente serão muito apreciadas pelas vossas amigas, na hora do chá.



BELEJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias para Angola

Continuamos a ler e a ouvir muito interessados o desenrolar do movimento no norte de Angola. As pinceladas desse quadro negro de carnificina pintado pelos saltadores vai sendo afuscado pelo tempo e pelo sacrifício dos briosos soldados feridos como nós na nossa honra e no nosso sangue. É mais uma página de glória para o exército para junto a tantas outras menos bárbaras.

O reflexo dos crimes praticados vai sendo pendorado pelos povos responsáveis pela liberdade e pelos seus compromissos.

Depois do sacrifício e do sofrimento. Portugal e o seu governo firmaram o seu crédito de honestidade e de direito e é de crer que a geração jamais assista ao progresso pelo extermínio da raça humana e do roubo da propriedade alheia. Já que não foi possível evitar tantos sofrimentos e como contra a força não há resistência, Deus pague como merecem aos autores das ofensas feitas aos seus filhos inocentes.

Passando às notícias do

continente digo-vos que a zona norte do País está a gozar um pleno verão de S. Martinho e o esplendido sol acaba de secar o resto da fartura do milho que este ano houve nos nossos abençoados campos. O calor desse sol radiante tem agitado ou posto em efecência aqueles que gostam temperaturas elevadas e no dia 12 do corrente teremos eleições para deputados que desejam incendiar de felicidade a pátria de Camões.

Quanto a este colapso político só vos digo que muita gente se tem perdido com a fartura e com o ociosidade.

A União Nacional continua esperando a conversão dos pecadores e em determinado cemitério lê-se no túmulo dum desvairado: *Aqui jaz um pecador. Oraí por ele.* Mas como agora são muitos vamos rezar todos em conjunto e enquanto estão vivos para evitar tanto trabalho ao Mestre Supremo a quem cumpre julgar os vivos e os mortos.

Elísio Gonçalves

A Casa do Povo do Feira Nova

vai ser dotada com uma biblioteca de 250 volumes

(Continuação da 1.ª página)

tribuídos pelos seguintes temas: (1) Doutrina Social, (2) Valorização Profissional dos Trabalhadores; (3) Formação Religiosa; (4) Problemas da Educação; (5) A História; (6) Geografia e Viagens; (7) Arte e Folclore; (8) Língua e Literatura; nas percentagens, respectivamente, de 15, 8, 4, 7, 10, 4 e 48%.

Nos livros a distribuir na rubrica Temas Literários (ficção) a maioria é de autores portugueses e destinam-se a adultos, jovens e crianças. Vão ser entregues 2 mil volumes no conjunto.

A Junta da Acção Social entregará, até 31 de Dezembro de 1961, 700 Bibliotecas.

Na cerimónia da distribuição das Bibliotecas usam da palavra os Senhores Dr. Mário Pinho, assistente da Junta Central das Casas do Povo no distrito, um representante das Casas do Povo contempladas e o Dr. José Cotta, Delegado do I.N.T.P..

Por se tratar duma Instituição, com grande frequência diária de sócios e dado

CURSO DE APRENDIZAGEM AGRICOLA

Solicitado pela Junta de Freguesia de Ferreiros, foi criado e está a funcionar, um curso de aprendizagem agrícola, o qual está a ser ministrado pelo professor primário, senhor Jorge António Gonçalves.

O curso funciona com carácter definitivo só podem ser admitidos indivíduos habilitados com o exame da 4.ª classe da instrução primária, sendo o seu horário nocturno, para assim facilitar o carro a todos os interessados.

o meio em que se encontra localizada a sede da Casa do Povo da Feira, esta oferta pelo Plano de Formação Social e Corporativa, tem grande valor, aproveitando a oportunidade.

Não podemos pois deixar de manifestar ao Senhor Delegado do Instituto Nacional o nosso agradecimento por oferta tão valiosa como necessária.

Distribuição do correio

A Junta de Freguesia conseguiu que o correio seja distribuído da parte de manhã, sendo o transporte da mala feito pela carreira da Empresa Hoteleira do Gerês.

Esta medida foi muito acertada, visto o comércio local e todos os interessados recebiam a correspondência mais cedo e deste modo poderem tratar dos seus assuntos com maior brevidade.

Esta entidade tem procurado sempre assegurar os interesses desta freguesia com o maior interesse.

Aniversário

Passou no passado dia 9 do corrente o seu aniversário natalício o nos o particular amigo senhor António da Silva.

Por tão faustosa data seus amigos, esposa, filhos, netos e restante família desejaram-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos na companhia de sua família.

O dia da Acção Católica

FESTEJADO EM PORTUGAL

O Dia da Acção Católica foi assinalado em Portugal com cerimónias realizadas em todas as dioceses.

Em Lisboa, além das solenidades religiosas, que tiveram a maior pompa litúrgica, na Sé Patriarcal, houve uma sessão solene no Teatro Nacional de D. Maria II, presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que foi alvo de calorosa homenagem, por motivo das suas bodas de ouro sacerdotais, que coincidiram com a data festejada.

Falando, na Sé, da actualidade da Acção Católica Sua Eminência asseverou

que grandes poderes estão empenhados na destruição do Reino de Cristo, querendo redimir o homem sem Deus. E, fazendo uma referência particular a Portugal, disse que as estatísticas o apresentavam como quase todo católico, mas que a vida de cada cristão era muitas vezes um argumento contra essa ideia.

«O país é católico, na verdade — observou — mas tem ramos secos. A Acção Católica será a seiva que há-de renovar a árvore e que auxiliará a Igreja de Deus na dilatação do Seu reino. Vós sois os que caminhais à frente, desfraldando a bandeira da Redenção.»

A MORTE

Monstro tenebroso que tudo consomes,
Na tua fúria má e humor perverso,
Persegues todo o ser pelo universo
E nessa tarefa nem rápido dormes.

Quanto mais tu matas, quanto mais tu comes,
Mais esfaimada estás, e o teu processo
É ás hecatombes dar inteiro assesso
E assim causares flagelos disformes.

Oh morte horrorosa, são em ti nutridas
As grandes sevícias para quem vida tem.
Todo o ser odeia tuas investidas.

Ainda existirás deste mundo além?!.
Eu só desejava não haverem vidas
Para tu ó morte, não existires também.

Oníbla C.

CENARIOS TRISTES

Uma encosta, casas modestas;
Ao fundo vê-se uma igreja,
Nela, um relógio isolado.
Que dormindo docemente,
Ou chorando tristemente,
Não dá horas, está parado!...

D'um lado tem uma casa,
Que outrora tão alegre,
É hoje desabitada!
Do outro tem um rectângulo,
Com musgo de ângulo a ângulo
Que é nossa eterna morada!...

Naquele lugar tão triste,
Pobremente desprezado!
Nós nos vamos encontrar,
E agora já nem temos,
A sombra dos seus ciprestes
Para poder descansar!!!

José Silva

REUNIÕES DA ACÇÃO CATÓLICA EM Fátima

Efectuou-se na Casa dos Retiros «Senhora do Carmo», neste Santuário, uma reunião do Conselho Diocesano da Juventude Agrária Católica Feminina, que inclui um curso de dirigentes e militantes, trabalhos em que tomaram parte 76 dirigente diocesanas e paroquiais de quase todas as freguesias da diocese de Leiria.

No Conselho estiveram também presentes alguns assistentes paroquiais e responsáveis de vários sectores da Juventude Agrária Católica Feminina e também o director da Obra das Vocações Sacerdotais da diocese.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º- onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela censura

Proclamação às Mães Brasileiras

(Continuação da 1.ª página)

avaliar as luminosas páginas de heroísmo que as nossas Irmãs de Além-Mar escrevem com o seu sacrifício, e é por isso que não podendo permanecer por mais tempo em silêncio, resolvemos criar o Movimento Feminino Brasileiro de apoio e solidariedade às Mães Portuguesas, à sua corajosa bravura e desmedido sofrimento.

O Movimento Feminino Brasileiro conclama todas as Brasileiras a se inscreverem no Movimento e a prestar a sua colaboração de modo a patentearmos às mães portuguesas o nosso mais caloroso apoio.

As inscrições podem ser feitas no «Clube de Decoradores do Rio de Janeiro», à Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1100 sobre-loja, na «Federação das Associações Portuguesas» à rua Luís de Camões, n.º 30 e em qualquer Associação portuguesa e luso-brasileira.

Depois de inscritas cada uma procurará inscrever suas amigas pedindo-lhes a sua colaboração para o Movimento. As contribuições podem ser oferecidas em roupas, livros, revistas, cigarros, charutos etc.

Brasileiras! Ajudemos Portugal retribuindo um pouco do muito que dele recebemos no passado e levemos às heróicas Mães Portuguesas, o lenitivo que simboliza o penhor da gratidão brasileira e que servirá para consolidação ainda mais a indestrutível amizade entre os dois grandes Povos da Comunidade luso-brasileira.

MÃES PORTUGUESAS!

(Texto da mensagem entregue ao embaixador de Portugal)

A mulher Brasileira está convosco e orgulhosa de vós! Ela vem acompanhando ansiosamente e sentindo-o como seu, o desenrolar do drama que tem sido a luta sustentada pelos vossos heróicos filhos em Angola, com menosprezo das suas preciosas vidas, para que Portugal mantenha a sua integridade nacional e a Pátria portuguesa viva fiel a si mesma para além das suas mortes.

O vosso patriotismo, coragem e dedicação sem limites à causa sagrada da vossa Pátria, levam-nos a manifestar-vos a nossa mais comovida, sincera e profunda admiração.

Avaliamos bem a vossa cruciante dor, as infundáveis preocupações, os angustiados presentimentos, as mortificantes ansiedades, as noites de vigília intermináveis obsecadas pela sorte dos vossos entes queridos e pelo destino do vosso amado País. Todo esse indescrevível sofrimento o calculamos nós na sua desmedida grandeza e comove-nos até ao mais íntimo do nosso ser a vossa inultrapassável resignação.

Grande exemplo estais a dar com o vosso comportamento! Sois bem as dignas representantes e continuadoras das mulheres de antanho, que deixaram os seus nomes gravados a letras de ouro nas páginas imperecíveis da história singular do vosso País! On em como hoje se mantêm intatas as nobres qualidades de heroísmo, de abnegação, de sacrifício e desprendimento, que fizeram grande e imortal a nossa raça comum!

Nós, as brasileiras, nunca vos faltamos com o calor do nosso apoio e da nossa solidariedade. Estivemos sempre ao vosso lado, com todo o nosso fremente carinho, repartindo conosco a vossa dor, amparando-vos no limite máximo das nossas forças, como o podem testemunhar as centenas de milhares de compatriotas vossos que vivem no Nosso País e incansavelmente traba-

ham pelo seu engrandecimento como se do vosso se tratasse. Em nenhum momento os nossos corações deixaram de pulsar em uníssono como os vossos.

É por isso que não podíamos faltar-vos neste momento em que uma conspiração internacional se desenvolve, procurando destruir a Pátria-Mãe da nossa querida Pátria. Aqui estamos para que sintais bem jamais deixaremos de pugnar pelos sacratíssimos direitos do vosso País, que consideramos também nosso.

Tal como vós, acreditamos piamente na eternidade de Portugal e do Brasil e temos a certeza de que a nossa raça está falada para os mais gloriosos destinos. Inseparáveis, os nossos dois países contribuirão poderosamente para o bem da humanidade. Por isso lutaremos pela nossa grandeza comum na certeza de saíremos vitoriosos.

E confiemos que com o vosso magnífico exemplo o mundo de língua portuguesa saia desta árdua prova mais enobrecido e mais prestigiado do que nunca. O nosso passado uno impõe-nos que confiemos religiosamente e mandamos afirmar tranqüila mas convictamente que quem deu «novos mundos ao mundo» nunca poderá perecer.

A vitória está próxima e vós a mereceis como ninguém. Da vossa dor e do vosso exemplar comportamento faremos a insígnia da nossa honra, da nossa dignidade, à sombra da qual, numa perfeita unidade moral, cem milhões de Portugueses e brasileiros passarão doravante, a impor a sua voz numa contribuição decisiva para que este mundo desorientado, em que vivemos se torne de novo um mundo em que a paz e a concórdia, o respeito e a sensatez tenham assegurado o seu lugar sagrado.

Mães portuguesas! Que o sublime sacrifício dos vossos filhos seja a redenção de Por-

EDITORIAL

ELE O DIS!

Continuação da 6.ª página

rior; é pela acção directa do interior que Salazar há-de cair» —concluiu.

Diz mais o jornal parisiense:

Interrogado a propósito do movimento nas províncias africanas de Portugal, o general Delgado manifestou a opinião de que a luta em Angola contribuirá para destruir o Governo e Salazar, esgotando-o.

Já ouvimos esta opinião a um dos partidários de Delgado: «Perdemos Angola, mas vemos-nos livres de Salazar». Vê-se que a ideia coincide com a do chefe do «movimento». «Le Monde» conclui:

«Finalmente ele (Delgado) declarou que o princípio da autodeterminação é a solução do problema colonial português que melhor se coaduna com as suas opiniões».

Aqui o temos a falar como a matilha afro-asiática-comunista fala na O.N.U. A autodeterminação seria deixar os bárbaros assassinos continuar a matar. Na O.N.U. nenhum dos que atacam Portugal mencionou uma só vez a feroz chacina de homens, mulheres, crianças, canibalescamente assassinados depois de torturados. Delgado também não disse uma palavra a tal respeito. Pelo contrário: autodeterminação para os assassinos.

Sinistro sujeito!

O Pé Descolço

Continuação da 1.ª página

retrocesso pela falta de continuidade com que, os que lhes sucedem nos cargos, procuram reprimir os males. Dirigentes tais, só desservem os interesses da Pátria, pois a sua presença tem o condão de tornar estéril o trabalho dos outros e de relegar, para a sua acuidade inicial, problemas que, com um esforço mínimo, há muito poderiam estar solucionados de vez.

Mas tudo isto vem a propósito de uma nota que recentemente nos foi fornecida pelo director do Hospital Joaquim Urbano, do Porto, que nos dá conta dos casos de tétano veiculados pelo «pé descalço» tratados naquele estabelecimento durante o primeiro semestre de 1961. Em vinte internamentos, registaram-se dez mortos. Para igual período do ano transacto, os números foram, respectivamente, de quinze e cinco. Uma conclusão ressalta evidente: Não se progride em benefícios; retrocede-se criminosamente. Comentários, para quê?

tugal, e que o futuro bendiga e abençoe o vosso heróico martírio e glorifique a grandeza do vosso magnífico exemplo.

IBIRAPUERA OU

«SANTA MARIA»?...

Transcrevemos com a devida vénia do Jornal A Gazeta de S. Paulo o seguinte:

Diz-se que o desporto é no Brasil uma religião. E' mesmo. Por isso, no dia 24 de Outubro à noite, foi cometido um sacrilégio! Pela primeira vez, entre nós, questões políticas e ideológicas foram levadas para o terreno desportivo! Lastima.

Jamais o brasileiro envolveu essas questões o desporto. Em períodos agitadíssimos da vida política do Brasil, nunca se viram arruaças desse género em ginásios e estádios desportivos! Nunca envolvemos política com desporto. Por isso mais choca e deprime o facto de esse inédita ocorrência ter-se registado por causa de uma questão que não diz respeito aos brasileiros. Foi em nossa casa. Que falta de respeito, que insulto ao desporto!

Jamais isso aconteceu entre nós, mesmo quando, antes da guerra, nos visitaram equipas de países totalitários... O desporto foi respeitado.

Choques políticos, questões ideológicas, tudo isso é coisa de rua, de praças públicas, de navio «Santa Maria», e não de competições desportivas em ginásios, em estádios. Não es-

tamos acostumados a isso. Desporto é desporto. Brigas, ódios, valentias devem ser levados para a rua.

Condenável esse procedimento de quem quer que seja, trazendo para o Ibirapuera uma questão estranha, quando é facto que nunca os brasileiros levaram para o terreno das competições desportivas suas próprias questões políticas domésticas!

Nem em competições internas, nem em competições internacionais. Bastam ser lembrados o respeito e a dignidade com que as equipas comunistas participantes do campeonato mundial de volei foram cercadas.

O desporto não é contra ou a favor disto ou daquilo. Sua finalidade é outra. No Brasil tem a fama de ser o Ministério da Paz Social. Maus brasileiros, felizmente poucos, e alguns, estrangeiros, alheios à nossa vida desportiva foram ontem ao ginásio como se fossem a um comício político e não a uma competição de hóquei!

Triste.

Não estamos acostumados a tais cenas.

Que seja respeitado o desporto. Ibirapuera não é «Santa Maria»!...

Dia de Eleições

(Continuação da 1.ª página)

les que nenhuma garantia dão — em sua volta.

A Nação nunca deu tão pouca atenção às tolices que ouviu ou leu, não obstante ter assistido a uma ofensiva dos comunicados e notas da oposição como jamais se presenciou.

Todas as Comissões se arvoraram em fulcros de publicidade e todo o «gato careta» se reuniu em grupo que pudesse dar à luz da publicidade alguma coisa que criticasse.

Pelo meio sempre uns gemidos contra a falta de liberdade, mas na realidade sempre a publicar mesmo aquilo que sensatamente tem de se atender ser notoriamente contra a inteligência e o interesse do País.

O governo quis efectivamente mostrar que não parece forte, é-o na realidade, e vai de deixar o prelo gemer com tudo que alguma cólica ou noite de insónia deitou cá

para fora. E que cólica não deve ter sido a que gerou aquela nota em que se descobre que a Nação está contra Salazar, especialmente depois do caso de Angola.

Nós que vivemos entre o povo, que lhe auscultamos a opinião, que sabemos o que pensa, arrepiamo-nos ao ler aquilo. É que nunca a Nação esteve tanto com Salazar, é que nunca os portugueses souberam tanto que o feito heróico de Angola só foi possível com Salazar.

Doi-nos o coração, sentimo-nos horrorizados ao reflectir no que pensarão aqueles militares briosos que estão em Angola ao ler aquela tristíssima prosa.

Temos, porém, confiança. Não deixará de a ter o português que viva a vitória alcançada no Ultramar.

A resposta é amanhã nas urnas; será depois também dizendo ao Chefe que lhes perdoe — eles não sabem o que dizem.

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amares

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

Padres delle seos constituintes, trazia citado ao Reverendo Padre António Dias Vigário da freguesia de São Pedro de Barreiros para apresentar o título por que era Vigário della, e declarar quem o apresentou, e reconhecer quem era o Padroeiro da dita Igreja e seo passal e casa da residência como também debaixo de juramento os uzos e costumes da dita freguesia; que o mandasse apregoar, e que aparecendo o houvesse por citado em sua pessoa para o sobredito; e não aparecendo se procedesse em tudo à sua revelia o Mosteiro seo constituinte ser Padroeiro da dita igreja e da mesma comer os fructos de sua dizimaria e estar nessa posse immemorial por si e seos antepassados, como melhor mostraria dos títulos que se achavam no Mosteiro, no Arquivo e Cartorio do dito Mosteiro, sendo necessário mostraria e apresentaria, como por reconhecimento dos mesmos, em cuja posse protestava em nome do dito Mosteiro de seos constituintes ser conservado e mantenido enquanto ordinariamente não for convencido; o que visto e ouvido por ele Doutor Juiz — do Tombo, mandou que fosse apregoado na sobredita forma, que com effeito o foi em alta e intelegível voz pello Porteiro deste Tombo, Bento Jose Rodrigues, de que deo sua fé, apparecer o dito Reverendo Vigário, o Padre Antonio Dias, e por elle foi dito que o titulo que tinha da sobredita vigairaria era *ad nutum* mandado passar por Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Dom Gaspar Arcebispo Primaz e Senhor de Braga, por nomeação e apresentação que nelle fez o Dom Abbade do Mosteiro de Rendufe, o muito Reverendo Padre Pregador Frey António da Ressurreição, por ser a dita igreja *unida in perpetuum* ao dito mosteiro e por confiar da sciencia e capacidade e mais attributos que concorriam nelle Reverendo Vigário reconhecente, lhe mandou o dito Senhor Arcebispo passar a dita carta assignada sob o sello de suas armas e signal de seo Provisor Pedro Paulo de Barros Pereira, do conselho do dito Senhor e mais assignaturas do estilo, e que este era o titulo por que se achava apresentado, e que não só por elle mas que por outros muitos vigários seos predecessores que elle conheceu sempre apresentados pello Dom Abbade do dito Mosteiro, reconhecer ser a mesma igreja unida *in perpetuum* ao dito Mosteiro com todos os seos dízimos, premicias e sanjoaneiras, usos e costumes, e ser sempre da apresentação do dito Dom Abbade do dito Mosteiro, e ao mesmo unida *in perpetuum* e por essa razão não tinha dúvida que assim se declarasse e lançasse em Tombo, como também as casas da residência e passal da mesma igreja, que sendo necessário para este se medir, se louvou em Antonio Rodrigues do lugar de Passos da dita freguesia de Barreiros; e pelo Reverendo Procurador foi dito que ele pela parte de seos constituintes se louvava em Jose Pedro Fernandes do lugar da Guarda da mesma freguesia, aos quais sendo presente elle Ministro lhes deferiu o juramento dos Santos Evangelhos em forma devida, sobre cargo do qual lhes encarregou que bem e na verdade medissem e demarcassem e confrontassem todas as terras e casas da residência, que por elle Reverendo Vigário lhes foram mostradas do passal da dita igreja... e que quanto aos uzos e costumes pertencentes aos fregueses constava do livro delles e os quais melhor o declararam, como também o uzo da premicia; e que enquanto ao que eram obrigados os Reverendos Padres, o declaram também; e no que respeita à Capella-mór, esta era do Mosteiro apresentante e a veneravam de Missal, estolla, sobrepelizes, capa de asperges, e vestimentas correspondentes às cores que manda a igreja; e campainha e caldeira e um bella e uma das alanternas e vazo, e para acompanhar o Santissimo duas vellas, e uma só para os Baptizados e recebimentos; e o sino tocava o Reverendo Vigário à entrada e as mais vezes os freguezes, e que assim não tinha duvida alguma em que se lançasse e declarasse em Tombo, e que se procedesse na demarcação, e confrontação do direito passal e sua residência...

Medição, confrontação e atombação do passal da igreja de São Pedro de Barreiros, e sua residência.

Item mediram eles Louvados o passal da residência do Reverendo Vigário, que está tapado sobre si, que corre de Norte a Sul, que medido na cabeça do Sul, tem de largo trinta e duas varas, por onde parte com o monte, e para o cantinho Nascente fica o portal e serventia desta e casas; e medido ao comprido pelo Poente tem trinta e quatro varas e meia, por onde parte com o mesmo monte,

* As relicências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

O ultramar e as razões por que interessa aos comunistas a mudança do Governo Português

(Continuação da 1.ª página)

a rivalidade pessoal entre dois chetes, Holden Roberto, da UPA, e Mário de Andrade, do MPLA, o que, afinal, domina o panorama. Por detrás dessa rivalidade o que existe, de facto, e o grande jogo das influências internacionais.

Crê-se que foram homens do MPLA («Movimento Popular da Libertação de Angola») quem chefiou, em Luanda, as tentativas de assalto a prisões e a um quartel da Polícia. Tratava-se de um acto isolado, mas para o qual, na sequência de episódio do «Santa Maria», se queria chamar as atenções do mundo. Em Leopoldville, Holden Roberto e os missionários protestantes seus conselheiros imaginaram, porém, que os filiados do MPLA iam desencadear um ataque geral à administração portuguesa, e pensaram que ganhariam a partida, antecipando-se-lhes. Essa teria sido, assim, a origem dos trágicos acontecimentos de Março, em Angola.

Alguém aconselhou, então, Holden Roberto a dirigir-se, a fim de obter armas, aos Governos de Moscovo e de Pequim. Contactos foram estabelecidos, para esse efeito, primeiramente em Leopoldville, depois em Tunes e parece que também em Conakry.

Em Pequim o apelo dos terroristas foi escutado e caixas de armamento, com o rótulo «Amendoas do Líbano», começaram a seguir por via aérea, de contrabando, passando sucessivamente pelos aeródromos de Beirut, de Genebra, de Barcelona e de Las Palmas, onde se lhes perdia o rasto...

É por essa altura que se reúne em Casablanca, sob o

A GUINÉ PORTUGUESA

(Continuação da 1.ª página)

terminadas árvores) e com o ímpeto selvagem, que os caracteriza, atacaram a expedição com as suas primitivas e mortíferas armas, setas envenenadas.

Nuno Tristão, perante o cerrado e feroz ataque de tão elevado número de furiosos negros, em relação à força de que dispunha, e já ferido, bem como a maioria dos seus alvoados companheiros, ordenou o regresso imediato à Caravela e, depois de reembarcados, mandou ficar as amarras e fez-se ao largo.

Dos ferimentos recumbiu o amalicioso Caxaleiro — Navegador e desanove dos seus bravos homens.

Com a tripulação reduzida a cinco homens, Aires, Tinoço, escrivão da Caravela, sem conhecimentos da arte de navegar, dirigiu-se para o alto

mar e, ao fim de dois meses de tormentosa viagem por indicação de uma embarcação espanhola, apartou ao Algarve

As fontes históricas de que se dispõe sobre o exacto ano em que se descobriu a Guiné não se harmonizam umas com as outras — e no que diz respeito ao rio em que Nuno Tristão foi ferido ainda não está determinado com rigor histórico, pois os historiadores, a tal respeito, não são concordes e, por vezes, vão ao ponto de se contradizerem.

Depois da descoberta travamos durante séculos, rudes lutas, por vezes titânicas, para a sua pacificação.

O nosso sentido de colonizadores e a persistência teimosia de enfrentar um dima mortífera, como era antigamente o dessas terras, foram as virtudes que nos permitiram os caboucos onde deveriam assentar, solidamente, os alicerces de uma colonização humana e progressiva.

Pelo rodar dos tempos, as desmedidas e insaciáveis ambições de poderosas nações esbulharam-nos da maior parte dessas terras que nos custaram altos e inolvidáveis sacrifícios e, aos nossos exercentes e legítimos protestos, gritavam-nos os seus inconsistentes direitos pela boca de potentes e numerosos canhões.

Franceses Ingleses tentaram apoderar-se de Bissau e de Bolarna — aos primeiros opuseram-se os comerciantes e o Régulo dos Papeis e aos segundos a Sentença de Arbitragem do Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, Ulisses Grant, em 1870.

Apesar de defendermos corajosamente essas duas povoações, hoje cidades, fomos esbulhados da maior parte das terras, bem portuguesas, onde exercíamos a soberania pela força do direito — e coagidos a sancionar esses esbulhos pelo direito da força, aceitando a delimitação de fronteiras — para o que foi nomeada uma Missão Luso — Francesa.

Pela convenção de 12 de Maio de 1886, e rectificada em 25 de Agosto de 1887, a nossa possessão no Senegal, ficou reduzida a 36.125 quilómetros quadrados, que reduzida a correspondente área aquática fica limitada a 33.637 quilómetros quadrados a superfície territorial da nossa actual Guiné.

A Província da Guiné tem uma população nativa de cerca de 500.000 almas distribuída por diferentes tribos étnicas em que as principais são: Baiotes, Balantas, Banhuntos, Beafadas, Bijagós, Brâmes ou Maucanhas, Casangas, Felupes, Fulas, Mandingas, Manjacos, Nalús, Papeis e Sossos e, ainda, outras menos importantes, quanto ao número de indivíduos do mesmo grupo étnico,

confessado patrocínio do Rei Hassan, a «Conferência dos movimentos de emancipação das colónias portuguesas», a que preside Mário de Andrade e a que não comparece a UPA. Terminada esta conferência, Andrade segue para Pequim. Entrevistado em Hongkong, diz que vai pedir ao Governo chinês armas para os «patriotas» que lutam em Angola contra os portugueses. A verdade, porém, é que vai, pelo contrário, persuadir os chineses a que suspendam os envios de armas. O MPLA (leia-se: Moscovo) pensa que é «premature» tentar substituir pela independência a soberania portuguesa em Angola; a sua tese é a de que a independência deve ser dada de Lisboa por um Governo filocomunista — e já vimos ontem em que fundamentos assenta esta tese...

Mário de Andrade receia, em Holden Roberto, por um lado a influência que nele exercem os missionários protestantes, em particular os norte-americanos (é a rivalidade Moscovo-Washington que assim se manifesta) — e pelo outro lado o ascendente que junto dele possam vir a adquirir os chineses (é outra rivalidade, aquela que vai crescendo entre Moscovo e Pequim).

Será, portanto, de perguntar que petição vai ouvir a Quarta Comissão? E também de perguntar quem os vai trazer pela mão?...

De qualquer modo, não se considera possível que os Estados Unidos concedem o visto de entrada a Holden Roberto. Mas quantos agitadores de Angola não haverá já em Nova York, «camuflados» de funcionários ou membros de algumas delegações africanas?

Tribuna de Vieira do Minho As Eleições

CARTA DE RUIVÃES

Está assegurada a ordem pública na nossa província de Angola, graças ao valor do nosso exército e á intrepidez dos valentes colonos, que lá se têm batido como leões.

É necessário que nós saibamos corresponder a tanto sacrifício feito, cerrar fileiras em volta de Salazar, que tão sabiamente tem conduzido este caso de Angola e não só este caso, com todos aqueles que respeitam á integridade e ao prestígio do nosso país, ao seu engrandecimento e progresso.

Vão realizar-se as eleições para deputados e é nestas que devemos dar a Salazar a prova inofismável da nossa lealdade, da nossa gratidão, votando a lista da União Nacional.

Nesta freguesia, como no nosso concelho estou certo de que tal lista há-de obter um resultado triunfante, porque os bons Nacionalistas, e até alguns dos que adoravam o Senhor Umberto Delgado, mas que hoje o renegam, estão dispostos a trabalhar pelo bem da nossa Pátria, que o mesmo é dizer por Salazar.

Sim, por Salazar, que é o Homem que incarna todas as virtudes e valores deste Portugal tão esquecido e até perseguido por certos aliados, que só nos conhecem quando se lhes proporciona ensejo de nos sugarem.

Os amigos de Peniche que os leve o diabo.

Portugal sempre triunfou quando confiado ás suas próprias forças.

Somos poucos, mas a nossa decisão vale pelos fortes.

Salazar; neste momento cru-

ciante, significa Portugal.

Quem fôr contra ele, é contra a Pátria, é contra os nossos intrépidos soldados, que em Angola acabam de escrever uma das páginas mais cintilantes da nossa história.

Devemos continuar unidos, mas unidos de verdade, sem preocupações de partidinhas, do homem de bem.

A grandeza da Pátria deve estar muito acima de vaidades, de ambições e de invejas mesquinhas, que apenas servem para redicularizar e diminuir quem a perfilha.

É preciso que os que eram, há muito, da situação não sejam postes á margem pelos adventícios, que tantas vezes adoravam ídolos com pés de barro e que hoje procuram, no estrangeiro, o descrédito do nosso país, com o fim exclusivo de entregarem a estranhos as nossas províncias ultramarinas.

Não pretendemos atacar ninguém, não temos má vontade contra ninguém mas não deixaremos que os intrusos afastem sistematicamente aqueles que tudo sacrificaram pela boa causa, tendo suportado a prisão, o exílio de perseguições de toda ordem.

Nada de perseguições, que só comprometem e deprivem quem as exerce.

Vamos, pois, todos á uma, votar nos deputados da União Nacional, que Salazar bem o merece.

O voto é sagrado e quem vota assume uma responsabilidade de excepcional importância, se votar mal. Presentemente, só deve existir um partido: o da Pátria.

Há muito tempo de cada

Estamos a assistir a um desafio de futebol político e tanto as bancadas como o geral manifestam-se asperamente contra aqueles que detém o campeonato há 35 anos. Ainda é preciso manter policiamento no campo para reprimir a falta de respeito ás faltas involuntárias que seria cometidas também se os observadores tivessem de jogar para defender as cores dos seus Clubes. A todos e em tudo há vitórias e fracassos. É preciso saber para criticar. Da experiência já está conhecedora a geração avançada na idade que não pode tomar a sério os herdeiros dos processos do bacalhau, a pataco e da liberdade com bombas a rebeater pelas ruas. Que o diga do outro mundo Machado dos Santos, António Granjo etc. Que falem os povos do Arsenal de Marinha. Com tais credências os libertadores não podem ter com eles os portugueses sensatos com voto na matéria eleitoral.

Um leitor

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

um seguir a directriz que melhor lhe convênha, mas só depois de reselvidos os muitos problemas de ordem internacional que avreve se nos preparam nas chancelarias comunistas.

Para já, um por todos e todos por um.

Amadeu Cesar

EDITORIAL

≡ ELE O DIZ! ≡

Transcrevemos com a devida vénia do Jornal A Voz o seguinte:

Há dias publicámos, em telegrama da ANI, uma notícia das novas desavenças entre Galvão e Delgado, narradas pelo jornal «L'Aurore». Também «Le Monde» publicou uma correspondência de Casablanca, a referir que Delgado deu uma conferência de Imprensa no hotel onde se hospedou. Nessa conferência de Imprensa disse aos jornalistas que rompera toda a solidariedade com Galvão e seus homens e declarou-se contrário á sua acção política. Acrescentou estar em Marrocos como turista e não como revolucionário. E a respeito

de Galvão, disse não querer o menor contacto com ele.

Textualmente:

Estive com Galvão uma dúzia de vezes antes do caso «Santa Maria» e cheguei a nomeá-lo secretário do meu movimento, mas risquei-o da minha jurisdição a partir de Julho de 1961. Não compreendi o seu procedimento neste caso: o objectivo da operação era a África; não sei que razões levaram Galvão para o Brasil.

Censurou depois os propósitos ambiciosos de Galvão, «cuja acção actual é muito nociva a uma revolta em Portugal. Uma revolução não se faz do exte-

Continua na 4.ª página

A Pátria vos contempla

Vós, rapazes, que lutais
Lá por entre os matagais
D'Angola nas terras virgens,
Abatendo o terrorismo
Que nos abria um abismo,
Q'inda nos causa vertigens,

Cobris a Pátria de louros,
E transmitis aos vindouros
A luz viva desta aurora,
Que já refulge na História,
Nesta página de glória
Escrita por vós agora!

Bem no dizia Camões
Nos seus versos, orações
Como nunca as fez ninguém,
Na sua estrofe famosa:
— Sempre bendita e ditosa
PÁTRIA que tais filhos tem! —

UERBA

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

ceu o fantasma, e Vasco da Silveira se tornou a recolher tão triste e atemorizado que não bastou o ânimo da grandeza de seu coração para não ter a jornada por infeliz e desventurada; e por não dar causa a que julgassem descrédito conforme a natureza dos homens e não entristecer a El-Rei, calou o negócio, ainda que não tanto o deixasse de anunciar a alguns amigos, e depois da jornada perdida estando preso em Fêz, o contou a D. J. o da Silva, Conde de Porto Alegre, de cuja mão eu vi tudo isto escrito, e a outros fidalgos de importância, afirmando-lhe que a noite antes da batalha, andando decorrendo El-Rei encomendando aos seus capitães o cuidado que haviam de ter o dia seguinte, passando perto da tenda de El-Rei vira a mesma figura enlutada junto dela, e não se fiando de seus olhos, crendo se enganava com o escuro da noite, se chegou mais perto e viu que subia a estatura para cima da tenda de El-Rei, em que desenganado e temeroso se recolheu, levando já tragada a perda da destruição do dia seguinte.

Cap.º XVIII como o Cardeal teve uma visão o dia da batalha, e o mesmo um frade de Alcobaça.

Em Alcobaça estava o Cardeal D. Henrique o dia que El-Rei partiu para a jornada, mandando de dia e de noite fazer orações públicas e Secretas pelo bom sucesso da jornada, e ele per si mesmo tinha muitas horas de oração mental e com muitas lágrimas pedia a Deus misericórdia e remédio para o axército cristão, que levando melhor zelo que ordem, ia aventurado a algum revez; e como o dia de N. Senhora das Neves se recolheu a oração costumada, avisando que até ele não chamar não entrasse pessoa alguma na câmara, a pouco espaço ouviram chorar e dar grandes suspiros, e tão grandes que o ti-

veram por cousa estranha, e desviando se entrariam ou não, a pouco espaço tangeu a companhia, e mandou que lhe chamassem Frei Gilherme da Paixão, prior da Casa que o confessava, homem muito espiritual e quem ele comunicava as cousas de sua consciência, porque, sem ser Letrado, era tanto o lume de espírito, que nele achava resoluções que homens mui doutos não alcançavam; e fechando-se ambos sós lhe disse o Cardeal com voz interrompida de soluções: «Padre Prior, rogo a Deus por mim e pelo desamparo deste Reino, que El-Rei meu sobrinho é perdido, e o exército cristão desbarotado»; e perguntando como o sabia, lhe disse debaixo de confissão que, estando pouco antes em oração rogando a Deus quisesse conceder prosperidade aos Cristãos, lhe eparecera na porta que entra para a ante-câmara onde ele dormia, uma pessoa que estava orando, que a seu parecer era D. Manuel de Menezes, Bispo de Coimbra, coberto o rosto de sangue e muitas feridas pelo corpo, e pondo-se no meio da porta lhe dissera — para este mundo tudo está perdido mas não é assim para o outro; e de subito desaparecera, consolando o Prior com as mesmas razões; e soube, lhe disse, desde aquela tarde quisera contar a Sua Alteza o que um converso lhe dissara simples e devidamente, santa e inculpável, chamado Frei Cosme, a que por obediência mandava pedisse a Deus próspero sucesso na jornada de El-Rei e do que assentisse na oração viesse avisá-lo; e que havendo-lhe sempre os dias de antes, que a segura que sentia na sua alma não anunciava bom fim, aquela tarde viera com o rosto alegre, dizendo que estando diante do altar da enfermaria fazendo sua oração ordinária, lhe parecera que se abriam as abóbadas do mosteiro e vira ir grande número de gente branca pelos ares, correndo a todos sangue das feridas que tinham, o qual lhe limpavam dous mancebos resplandecentes e os metiam por uma porta de que saía muita claridade; e desejando ele saber quem eram os feridos e que os limpava, lhe disse um deles: «Nós somos os mártires S. Vicente e outro S. Sebastião, um advogado deste Reino e outro de El-Rei; esta gente que vês ferida são os mártires que vão correndo ás mãos dos mouros nos campos de Africa, a quem limpamos o sangue de suas feridas para receberem dos mesmos Santos

(CONTINUA)